

# ENTRE O BAIRRO E A ROÇA.

## Práticas econômicas dos moradores da foz do Rio de Contas em Itacaré – BA em contexto de expansão turística<sup>1</sup>

Magda Luiza Mascarello – IFPR/PR

**Palavras-Chaves:** Turismo. Quilombolas. Itacaré-BA

**Resumo:** O presente artigo explora os impactos e mudanças econômicas e culturais ocorridas na cidade de Itacaré (Bahia) nas últimas décadas, em especial a partir da pavimentação da rodovia estadual BA 001 concluída em 1998 e a consequente ampliação e consolidação da indústria turística na região. O foco de observação se concentra, de um lado, no processo de produção de uma imagem pública de “paraíso natural da costa Atlântica” que sustenta o novo mercado e, de outro, nas especificidades dos modos de viver da população autodenominada *nativa*. Esta é constituída em sua maioria por moradores dos bairros quilombolas localizados na foz do Rio de Contas e das roças que se espalham em suas margens. Trata-se de uma população que habita, ao mesmo tempo, bairro e roça. O objetivo é apresentar uma reflexão sobre as práticas econômicas dos moradores ribeirinhos de Itacaré a partir de etnografia realizada em dois de seus bairros mais antigos: Marimbondo e Porto de Trás. O foco da observação concentra-se na intensa circulação de alimentos produzidos nas roças quilombolas e capturados no rio e nos seus mangues, com destaque para a relevância que esses produtos têm tanto na manutenção de um modo tradicional de vida em meio a um contexto no qual as relações se tornam cada vez mais monetarizáveis, quanto na criação de estratégias de participação econômica desses moradores na nova indústria turística, que cada vez mais se expande e consolida em toda a região baiana da Costa do Cacau.

### APRESENTAÇÃO

Os sábados são sempre dias muito agitados em Itacaré - BA. Desde o amanhecer, há intensa circulação de pessoas pelas ruas da cidade. Aos fins de semana se intensifica a chegada de turistas que vêm aproveitar o recesso e disfrutar da paisagem litorânea. Desde a pavimentação da Rodovia Estadual BA 001 concluída em 1998, que conecta a até então chamada “pacata vila de pescadores” ao porto e aeroporto da vizinha Ilhéus – BA, Itacaré vem sendo o destino escolhido de uma quantidade crescente de turistas e novos moradores que chegam para disfrutar de suas praias e cachoeiras inóspitas, embrenhadas na Mata Atlântica, delineadas por paredões de rochas e pelo Rio de Contas. O encontro deste importante afluyente baiano com o mar, inclusive, é uma das mais valorizadas paisagens da cidade.

Os recentes deslocamentos econômicos e sociais da cidade estão embrenhados em políticas públicas do governo da Bahia, criadas com o intuito de amenizar a crise da lavoura cacaueteira, a principal atividade econômica da região até meados da década de 1980. Em 1991 o governo do Estado lançou o Plano de Desenvolvimento do Turismo na Bahia – PRODETUR, redesenhando e dividindo sua paisagem turística e cultural em

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

sete áreas, de acordo com o que considerou as “identidades” historicamente construídas de cada uma delas: Costa dos Coqueiros, Costa do Dendê, Costa do Descobrimento, Costa das Baleias, Costa do Cacau – onde, juntamente com as cidades de Ilhéus, Ipiaú, Maraú, Una, Canavieiras, Uruçuca, Santa Luzia, Pau Brasil e São José da Vitória, está inserido Itacaré - e, no interior, a Chapada da Diamantina.

Nesse movimento de criação e comercialização de regiões turísticas, o Estado desenvolveu e financiou, com a ajuda do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES - e do Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID - diversos projetos de infraestrutura turística nas sete regiões. A pavimentação da BA 001 foi uma das obras mais importantes realizadas na agora chamada Costa do Cacau. Em sua primeira etapa estendendo-se ao sul e ligando Itacaré a Ilhéus e, em um segundo momento expandindo-se para o norte, até a cidade de Camamu, de modo a articular um circuito turístico que une a Costa do Cacau à Costa do Dendê. Alterações importantes da dinâmica social local que, de modo geral aparecem na literatura acadêmica como a passagem de uma pacata vila de pescadores, paraíso intocado que permaneceu isolado até sua descoberta pelos surfistas e aventureiros à posterior a chegada transformadora - ora mencionada como redentora, ora degradante - do turismo (CHIAPETTI, JORGE 2009; CHIAPETTI, RITA 2009; MELIANI, 2011; PALMER 2014).

Aos sábados em Itacaré, para receber os visitantes, os supermercados e lojas abrem desde muito cedo e ampliam o anúncio de seus produtos e promoções. As barracas de praia aumentam o número de trabalhadores ocupados no dia. Os restaurantes recrutam gente para auxiliar temporariamente na cozinha, servir os comensais ou lavar os pratos. As pousadas recebem camareiras e faxineiras para o trabalho intermitente que só aparece aos fins de semana. Barqueiros e guias turísticos ocupam a Orla e se colocam a disposição dos visitantes para acompanhá-los a passeios pelas praias rurais, fazer trilhas em meio à mata, subir o Rio de Contas ou conhecer as tantas cachoeiras que integram os circuitos turísticos da cidade. O intenso barulho dos carros e das mototáxis em movimento divide audiência com o som do arrocha e do reggae que permeia os ambientes.

Além disso, sábado é dia de feira! Apenas amanhece e os moradores locais deixam os bairros da cidade e as roças que estão à margem do Rio de Contas e se deslocam em direção à chamada Rua do Campo onde encontram-se diversas barraquinhas, umas coladas às outras, construídas em madeira e cobertas com folhas de coqueiros ou pedaços de plástico, ocupadas nesse dia para a comercialização de produtos agrícolas, carnes, peixes, crustáceos, entre outros tantos alimentos oferecidos por produtores da região.

Estes, individualmente ou reunidos em comunidades quilombolas ou grupos cooperativos credenciados na Secretaria de Agricultura, Aquicultura e Pesca do município, alimentam esse comércio desde muito antes da pavimentação da rodovia e da consequente expansão e consolidação do turismo.

Antes das reformas da BA 001, no entanto, a feira ocupava os espaços do centro da cidade, primeiramente na Orla e, depois, ao lado do Terminal Rodoviário. Atualmente, dados os processos de adensamento populacional da região resultante da chegada de investidores e dos novos moradores atraídos pela indústria turística, a feira foi deslocada para um novo espaço, mais afastado do bairro central e dos bairros ribeirinhos.

Esparramados entre os estreitos corredores que entrecortam as barracas oficializadas por meio da inscrição municipal, à entrada da feira, em seus arredores e, principalmente, circulando pelas ruas que unem os bairros mais antigos da cidade à Rua do Campo, outros tantos vendedores informais oferecem seus diferentes produtos acondicionados em cestos, baldes, carrinhos de mão, carrocerias de camionetas, mesas, banquetas...

Nesses é possível encontrar, além dos frutos coletados na mata, dos gêneros agrícolas e das capturas do rio e do mar, alimentos processados que são apreciados pela população mais antiga da cidade, tais como, polpas de frutas para sucos, sarapatel pré-cozido, carne de sol já curtida no sal, peixe e camarão seco, guaiamu cevado, acarajé, vatapá, quiabo pronto para o caruru, pimenta em conserva, maços de temperos, azeite de dendê, néctar do cacau, bolos especiais, entre outros tantos.

O intenso movimento das manhãs de sábado em Itacaré e as interações que o constituem nos permitem perceber as particularidades de articulação dos moradores ribeirinhos entre os quais realizei esta pesquisa, ao novo contexto instaurado pelo turismo e suas diferentes formas de inserção econômica nesse cenário, tanto no recrutamento para o trabalho nos equipamentos turísticos quanto nas dinâmicas de circulação dos produtos agrícolas e aquáticos disponíveis na região.

Nas margens do Rio de Contas, desde sua nascente na Chapada da Diamantina até sua foz, em Itacaré, vive uma população marcadamente negra, em sua maioria agregada em comunidades quilombolas, certificadas ou em processo de certificação. A etnografia que aqui apresento, parte de minha pesquisa de doutorado, foi realizada a partir das experiências e práticas dos moradores dos bairros Marimbondo e Porto de Trás, considerados os mais antigos de Itacaré, localizados na foz do rio. Meus interlocutores, nas histórias que contam e nas formas como experimentam sua vida cotidiana, articulam

lugar de habitação, parentesco, vizinhança, circulação e comércio informal de alimentos e emprego intermitente.

Seguindo estas pistas etnográficas, o artigo objetiva analisar práticas e estratégias de produção da vida desencadeadas pelos moradores dos bairros ribeirinhos. Ainda, ao retomar pesquisas antropológicas sobre modos de coabitação em regiões do Recôncavo e do Baixo-Sul baiano, apresentarei uma descrição etnográfica da relação entre as moradias do bairro urbano e da *roça* e, a partir dela, buscarei interrogar de que modo essas dinâmicas específicas de vida e de formas de habitar articulam e sustentam práticas econômicas desses moradores em um contexto de crescimento e expansão da indústria turística.

### **O bairro e a *roça*: práticas econômicas da população ribeirinha**

Os movimentos dos sábados, configurados pela presença de visitantes em maior quantidade, mas sobretudo, intensificados por essa significativa circulação de pessoas comprando e vendendo produtos alimentícios coletados na mata, cultivados nas roças ou capturados nos rios, no mar e nos mangues que contornam a cidade, tensionam em certa medida algumas das análises sociais sobre Itacaré, em sua maioria desenvolvidas com o objetivo de avaliar os impactos da pavimentação da rodovia BA 001 e da consolidação do turismo. Tais investigações buscam fundamentação em dados estatísticos que refletem o recente e rápido crescimento populacional da cidade e o consequente e desenfreado processo de urbanização. Ainda que diversos, esses estudos coincidem ao apresentar como conclusão, de um lado, a identificação e denúncia de exclusão social e espacial da população considerada *nativa* nesse novo cenário e, de outro, o incômodo destaque aos crescentes índices de degradação ambiental em uma cidade cuja imagem pública e comercial se constrói sobre a égide de “paraíso natural” (cf. CHIAPETTI, 2006; FERREIRA 2011; BONFIM E TUPINAMBÁ 2011; MELIANI 2011 a; 2011 b).

Análises como essas, centralizadas na produção seletiva do espaço, são relevantes no sentido em que denunciam desigualdades sociais aprofundadas em processos de expansão do capitalismo e nos ajudam a lançar um olhar generalizante sobre os impactos que a pavimentação da rodovia e a implementação da indústria turística tiveram não apenas sobre a estética da cidade e o uso seletivo da paisagem, como também, de certa maneira, sobre o modo de vida da população local de Itacaré e o lugar que ela ocupa nessas dinâmicas mais amplas de implementação e desenvolvimento de mercado.

No entanto, os dados etnográficos que construí durante a pesquisa de campo nos mostram que o processo de urbanização de Itacaré não pode ser identificado mecanicamente em relação à oferta de trabalho e ao adensamento populacional urbano, como na clássica explicação do êxodo rural resultante do inevitável desenvolvimento da empresa capitalista nos centros urbanos.

Uma descrição etnográfica da vida ordinária nos bairros ribeirinhos mais antigos da cidade - Marimbondo e Porto de Trás, - e das interações sociais entre seus moradores, seus trânsitos constantes entre o bairro e a roça, as inserções plurais nas dinâmicas econômicas do atual contexto, as formas como estabelecem moradias em redes articuladas pela intensa circulação de alimentos e a maneira como elaboram as memórias e as narrativas sobre seu grupo e seu lugar, nos ajudam a compreender a complexidade das interações entre rural e urbano em cenários como esses, que não podem ser reduzidas à simples dualidade ou apenas sintetizadas como processos excludentes de adensamento populacional das cidades resultantes da implementação de capitais e novos mercados.

### **Na foz do Rio de contas: Marimbondo e Porto de Trás**

Raramente a Praça do Marimbondo fica deserta durante os dias ensolarados de Itacaré. É imagem cotidiana ver as crianças se divertindo nos poucos brinquedos instalados no meio da calçada enquanto os adultos, sentados nos bancos de concreto e nas muretas que desenham os jardins, as observam e cuidam ao mesmo tempo em que se engajam nas divertidas *resenhas*<sup>2</sup> que põem informalmente em circulação as notícias da cidade. Quase sempre há homens reunidos em duplas, produzindo e consertando redes de pesca estendidas entre a árvore do centro da praça e os postes de energia que lhes garantem a iluminação quando a noite se aproxima. Afinal, costuma escurecer cedo na região. Pescadores passam por ali com frequência, observando essas redes, avaliando seu processo de confecção e oferecendo a um preço irrisório o excedente da pesca que não foi absorvido pelas peixarias da Orla ou os crustáceos que capturaram mais ou menos despreziosamente enquanto circulavam pelo rio em busca do peixe ou a caminho das *roças*.

---

<sup>2</sup> *Resenha* é uma categoria nativa que remete às conversas sobre o dia ou algum acontecimento do passado, ato de relembrar coletivamente de algo ou alguém. Comumente estas conversas são carregadas de muitas gargalhadas, já que tais fatos são narrados entre muitas vozes e de forma cômica.

Alguns personagens já conhecidos aparecem vendendo salgados e quitutes prontos para o consumo e com frequência se sentam na praça para descansar. Afinal, o grito já conhecido “Banana real do Pida. Se não pediu então Pida” e o outro, “Olha o boooolo” emitido com veemência e certo gracejo pelos vendedores ambulantes da vizinhança, se somam às músicas altas, às gargalhadas animadas das conversas dos adultos e aos gritos divertidos das brincadeiras infantis.

Nos finais de tarde os trabalhadores do comércio, do turismo e dos serviços públicos indo e vindo da Rua Pituba, da Orla, do Bairro Central e da Passarela da Vila – ambientes frequentados especialmente por turistas - se atêm para dividir com algum parente ou amigo que já está na praça uma cerveja gelada vendida logo ali, nos diversos bares das redondezas. O contínuo movimento dos frequentadores entre esses estabelecimentos e a praça, carregando garrafas e latinhas de bebida ou então portando mesas e cadeiras para melhor se acomodar e abrir espaço para mais alguém que chega ao local, inclusive, faz com que esses ambientes se transformem um na extensão do outro, articulados pela intensa e animada circulação dos frequentadores. Um a um os moradores vão chegando, somando-se na conformação de diversos pequenos agrupamentos que se ocupam com as *resenhas* de fim de tarde.

O Bairro Marimbondo tem um formato peninsular margeado por duas ruas curtas que se encontram no contorno da praça. Nessas vias há diversas casas, umas muito próximas - quando não coladas – às outras. Essas habitações foram as primeiras construções do bairro, das quais se prolongam outras tantas à medida em que novos moradores vão chegando, sejam eles parentes que se acercam para trabalhar no turismo, sejam construções que são aumentadas com o intuito de rentabilizá-las por meio da locação aos novos habitantes da cidade, ou ainda a ampliação das famílias por meio de novos casamentos. Entre uma e outra casa, prolongam-se estreitos becos que se estendem perpendicularmente às duas ruas principais, permitindo o acesso à incontáveis outras moradias.

Aqui, entre os moradores ribeirinhos e suas casas predomina a circulação de uma variedade de alimentos, animais domésticos e instrumentos de trabalho que se encontram ordinariamente permeando as interações sociais que movimentam as moradias e seus habitantes. As dinâmicas de circulação de alimentos das manhãs de sábado se estendem, ainda que de forma menos intensa, ao longo da semana.

Durante o trabalho de campo, por exemplo, conheci Dona Maria que quase todos os dias espalha pequenos peixes na mesa de madeira que coloca em frente à porta de sua

casa, e os salpica com sal grosso para que se conservem até os dias de pesca menos abundantes ou então, quando falta disposição para realizar a tarefa. Zezão improvisa sobre a calçada uma banqueta com um velho pedaço de tronco de árvore que trouxe da roça e nela se senta para consertar as grandes redes utilizadas por seu grupo de amigos na pesca da Rede de Arrasto, ao mesmo tempo em que se engaja na *resenha* com Joaquim, seu filho, que circula com um balde na mão oferecendo peixe fresco a alguns conhecidos mais achegados. A eles se soma Tereza, escorada em seu carrinho de vendedora ambulante todo enfeitado com cacau, um fruto que ela aproveita no tempo de colheita para vender aos turistas com o drink típico da região. Enquanto caminha no sentido da Rua Pituba, Tereza oferece salgados aos grupos de parentes e amigos do bairro que estão na *resenha*.

Seu Manoel cuidadosamente coloca frutas e legumes – abacates, cocos, cupuaçu, cajá, manga, jaca, batata, mandioca, entre vários outros - na janela de sua casa ou na calçada para que intensifiquem o sabor enquanto apanham sol e, por vezes, presenteia algum amigo com os produtos que colheu em sua roça. As galinhas que estão na rua correm para esconder-se dos cachorros que chegam do mangue acompanhando Joana, umas das poucas marisqueiras que ainda se dedica a apanhar caranguejos depois que a nova legislação de proteção ambiental que também chegou com a rodovia criou a Reserva Extrativista, dificultando a captura do crustáceo e delimitando o tempo de defeso, com a proibição de que ele seja apanhado enquanto “está andando”, o período de sua reprodução.

No Bairro Porto de Trás, localizado ao lado do Marimbondo, podemos perceber dinâmicas semelhantes. Ele foi primeiramente constituído nos arredores de uma única rua que une as margens do Rio de Contas ao centro da cidade. Essa rua tem início no pequeno porto que confere nome ao bairro, onde aportam as embarcações dos pescadores, agricultores das encostas do rio e guias turísticos que ali residem. Recentemente, seguindo os processos de desdobramentos das construções e ampliações das moradias - processos esses intensificados pela consolidação do mercado do turismo que incentiva ampliar espaço para recepção de visitantes e novos moradores - uma rua paralela vem sendo paulatinamente criada e ocupada, a chamada Rua Jamaica.

Também nesse bairro os moradores cotidianamente são encontrados sentados em grupos nas portas das casas, sobre a calçada, na beira da rua ou à entrada dos estreitos becos que abrem passagem para outras tantas moradias. Assim como na Praça e nas vias do Bairro Marimbondo, nas ruas do Porto de Trás crianças gargalham e brincam sob o olhar atento dos adultos reunidos em pequenos grupos, sentados na calçada, entre bares,

cervejas e *resenhas*. Embrenhando-se nesse movimento, redes de pesca são consertadas, siris, lagostas e caranguejos são levados até a casa das marisqueiras para que elas façam o catado, castanhas de cacau ficam esparramadas secando ao sol sobre panos estendidos nas calçadas, mulheres e homens circulam com baldes e cestos de peixes, cordas de caranguejos, mãos cheias de frutas e legumes que acabaram de trazer das *roças*, mesas de comidas nas janelas, carrinhos de salgados e bolos indo para a Passarela da Vila e a Pituba ou comercializados ali mesmo, para vizinhos e parentes.

Esta é a imagem mais contundente ao se observar as ruas dos bairros ribeirinhos de Itacaré e as experiências ordinárias de meus interlocutores de pesquisa: uma população marcadamente negra, com pessoas engajadas em conversas entusiasmadas permeadas por gritos e gargalhadas mesmo quando o conteúdo da *resenha* é sério. Nessas rodas de conversa e por entre as casas e os becos, circulam os diversos e fartos produtos das roças, do rio, do mar e do mangue, junto com instrumentos de trabalho que podem estar sendo emprestados, vendidos, comprados, guardados ou consertados. Dados etnográficos construídos durante o trabalho de campo que indicam que os moradores ribeirinhos de Itacaré vivem embrenhados em animadas e dinâmicas misturas entre lazer, diversão e trabalho.

### **Entre o bairro e a roça**

Ao acompanhar o cotidiano dos moradores dos bairros Marimbondo e do Porto de Trás, foi possível perceber que a categoria *roça* - e o Rio de Contas que é sua referência geográfica fundamental - além de marcar a composição e organização social da população local que é em sua maioria nascida nas margens do rio, identifica o perfil racial dos moradores e suas práticas de produção da vida no atual cenário de expansão da atividade turística. Juntamente com a abundância de produtos agrícolas e capturas do rio que circulam diariamente constituindo e mobilizando estéticas e relações diversas, há um trânsito contínuo de pequenas embarcações subindo e descendo o Rio, levando uma população que habita, simultaneamente, o bairro e a *roça*.

Na experiência de meus interlocutores rural e urbano não se separam. É comum encontrar pessoas que moram ao mesmo tempo no bairro e na *roça* e que circulam entre esses ambientes em um constante vai e vem carregando móveis, materiais utilizados nas construções, comidas, amigos e parentes para ajudar nos trabalhos, passear pelo rio, adensar a comensalidade e a festa. Assim, se vão para a roça as telhas para a cobertura da

casa, vêm desta para o bairro as madeiras para os reparos das janelas. Se a televisão vai para lá, o poste para a antena vem para cá. O saco de cimento vai, a tábua vem. Se o filho ficou descansando na quietude da roça, o pai e a mãe voltaram para participar dos festejos da cidade. Se alguém é convidado para a festa de aniversário, a pergunta é necessária: “Vai ser aqui mesmo ou na roça?”. Quando se aproxima o Dia dos Pais, das Mães ou qualquer outra data comemorativa é prudente esclarecer aos possíveis convidados: “Mas esse ano não vamos fazer lá na roça, não”.

É recorrente entre pesquisadores que se dedicam à compreensão de modos de vida da população negra que habita a região costeira da Bahia destinar atenção para os emaranhados de casas que ali se constituem e sua relevância enquanto redes de apoio vital aos moradores. Em um estudo entre moradores que ocupam os bairros populares da cidade de Cachoeira, no Recôncavo Baiano, Marcelin (1996, 1999) propõe que a casa, como construção estratégica da produção de uma domesticidade, não pode ser pensada como uma unidade isolada. Ao contrário, nesse cenário a casa só existe no contexto de uma rede de relações domésticas que a produz continuamente. A partir dessa constatação o autor propõe o conceito de Configuração de Casas, através do qual é possível apreender a casa enquanto prática, ou seja, como um espaço pensado e vivido em interrelação com outras casas que também participam de sua produção, tanto no sentido simbólico, quanto prático.

No escopo dessas reflexões, João Pina-Cabral e Vanda Silva (2013) se dedicam a etnografar as dinâmicas de cuidado e criação de crianças e, a partir delas, compreender de que maneira se concebe a noção de pessoa entre moradores de Valença, cidade localizada no Baixo Sul Baiano. Ao analisar as narrativas e experiências dos sujeitos, os autores identificam um caminho que indica certa noção de pessoa marcada tanto pela partibilidade quanto pela singularidade, ambas produzidas em contextos domésticos plurais que se articulam entre si. Nesse caminho reflexivo e com a atenção voltada para as formas de moradia, de constituição do espaço e das relações domésticas os autores encontram-se com as proposições de Marcelin (1996, 1999) e nelas se apoiam para formular a noção de Vicinalidade por meio da qual reconhecem nas formas particulares de coabitação, nexos relacionais que unem o tecido da vida social, provocam a ação dos sujeitos e dinamizam solidariedades. Trata-se de zonas de tecido habitacional formadas através da intensa interação entre as pessoas, articuladas pela mutualidade entre casas aparentadas que criam e movimentam redes de contato, cuidado e atenção (PINA-CABRAL, 2014).

A intensa e cotidiana circulação de bens, utensílios, materiais, alimentos e pessoas entre a casa do bairro e a casa da *roça* indica que não podemos reconhecer essas habitações enquanto unidades fechadas em si mesmas, uma vez que só é possível apreendê-las na medida em que constituem processos relacionais a partir dos quais estão em contínuo e recíproco movimento de criação e recriação. Dessa maneira, a casa do bairro participa da constituição da casa da *roça* e vice-versa, e ambas são vividas e pensadas nesta inter-relação. O diálogo rápido que estabeleci com uma moradora do Bairro Porto de Trás quando procurei por uma de minhas interlocutoras, Joaquina, na casa que me indicou como sendo sua moradia, demonstra como essas relações acontecem:

**Magda:** Boa tarde. Tudo bem? – perguntei a uma moradora para mim ainda desconhecida ao me aproximar da casa onde Joaquina mora no bairro.

**Moradora:** Tudo bem – me respondeu em voz baixa e com pouco entusiasmo a desconhecida sentada em uma banqueta em frente ao beco onde mora.

Insisti na indagação:

**Magda:** A senhora sabe se Joaquina está em casa?

**Moradora:** Tá sim.

Diante dessa resposta bati na porta, chamando minha interlocutora. Porém, enquanto a chamava, fui interrompida pela moradora:

**Moradora:** Ah não. Não está aí, não. Ela está em casa lá na roça.

**Magda:** Mas esta é a casa dela? Ela me disse que morava aqui – Voltei a indagar um tanto confusa com as informações.

**Moradora:** Sim, mora aí também. E lá na roça. Ultimamente ela está indo bastante pra roça. Mais fácil encontrar ela lá que aqui.

Outra moradora do bairro a quem eu já conhecia, sentada nas escadas da casa de sua mãe localizada mais à frente, ao ouvir a conversa gritou:

**Tita:** Não, mas ela vem. Não sei se hoje. Mas ela está vindo bastante também. Venha outro dia que ela vai estar aqui. Ela está vindo pra casa.

Conforme o diálogo indica, nesse constante movimento de ir e vir, Joaquina mora ao mesmo tempo no bairro e na roça, e cada uma de suas casas, embora sejam pontos permanentes de referência, se constituem também enquanto lugares de passagem. A forma como o diálogo se estabelece e seu conteúdo que se resume em informar os movimentos de minha interlocutora que ao mesmo tempo em que vai para casa quando se dirige para a *roça*, volta para casa quando retorna ao bairro, tornam as fronteiras entre as duas unidades domésticas porosas, informações que me resultavam confusas uma vez que minhas indagações pressupunham a circunscrição de minha interlocutora a seu lugar

de habitação, mas que eram enunciadas de forma clara e segura por aquelas moradoras que me informavam seus movimentos.

Os trânsitos dos moradores pelo Rio de Contas, entre o bairro e a roça, são importantes para a movimentação de uma economia local baseada na circulação de alimentos que, quando na cidade, são reunidos em comemorações e festas, trocados, doados e vendidos aos vizinhos, amigos e familiares que estão na cidade. Para além disso, os produtos trazidos da roça permitem inserir-se no mercado recentemente ampliado pela indústria turística, uma vez que oferece possibilidades de trocas comerciais, sejam elas permanentes ou eventuais, com os turistas que visitam Itacaré e os novos investidores que se instalaram na cidade. É em grande medida por meio dos gêneros alimentícios trazidos da roça que se movimentam os dias de feira e o comércio de rua. São eles também que permitem a muitos dos moradores inserir-se no mercado das praias, das trilhas ou dos centros comerciais que acolhem majoritariamente os visitantes.

As formas plurais de inserção econômica da família de Pedro e Neuza, moradores antigos do Bairro Marimbondo, são elucidativas dessas dinâmicas.

Também com eles não foi fácil conseguir conversar sobre esta pesquisa. Já era a terceira vez que eu procurava o casal que me havia sido indicado por um de seus filhos, com a justificativa de que eles estão entre os moradores mais antigos da cidade e, por isso, poderiam descrever com maior precisão e detalhes como era o local antes da pavimentação da rodovia, uma informação que meus interlocutores insistiam ser importante para a investigação que eu estava fazendo. Em minhas duas tentativas anteriores, embora houvésssemos sinalizado em comum acordo um dia determinado e o melhor horário para a conversa, ela não aconteceu porque eles estavam na roça, e a filha Juliana que com eles reside na casa do bairro, nunca sabia informar ao certo quando iriam retornar.

Como eu te falei aquele dia, meu pai mais minha mãe são assim... vai e vem o tempo todo. Morando sempre pra lá, morando pra cá também. É difícil de encontrar eles. Você deveria ir lá na roça. Ou vir aqui quando eles estiverem. Quando ver eles aqui tem que vir, porque logo vão. Mas dizer quando vão estar aqui em casa, eu não sei não. Aí é difícil... Eles não param, não. (Marimbondo, outubro de 2018)

Em certa ocasião, diante da dificuldade do encontro causada pelo trânsito dos moradores e vendo minha insistência em procurá-los, Juliana propôs que fizéssemos um passeio para a roça no fim de semana. Assim, enquanto eu cumpriria minha insistente agenda de pesquisa ela aproveitaria para colher cacau e coco que às vezes comercializa

na Rua Pituba, além de pegar uns guaiamuns para a festa de aniversário do namorado. Ela me fez o convite:

Tô precisando juntar um dinheiro aí. Aí bora pra lá. Eles estão lá. Tem dias que não vêm. A roça é bom também pra sair aqui da muvuca. Muvuca é bom, mas a roça é bom também. Vamos? Você vai gostar. (Marimbondo, novembro de 2018)

Para a viabilização do deslocamento até a roça contactamos um de seus irmãos que trabalha na Orla como piloto de lancha no transporte de turistas para a cachoeira de Cleandro, a mais visitada no Rio de Contas. Providenciamos o óleo do motor da embarcação, ampliamos o convite a mais dois filhos de Pedro e Neuza e definimos um momento na manhã de sábado, logo depois de fazer a feira, para partir para a roça. No entanto, na véspera fui informada que nossa ida à roça estava sendo cancelada, pois o casal estava de volta à sua casa, no bairro. Se eu quisesse manter a viagem, seria apenas para buscar os frutos necessários à semana de comercialização na Pituba.

Ficamos na cidade e, desta vez, consegui me encontrar com meus interlocutores. Iniciei a conversa somente com Pedro, uma vez que Neuza se ocupava de salgar os peixes miúdos que capturou durante o trajeto pelo rio para deixá-los secando em uma mesinha na entrada da casa. Quando ela se somou a nós, porém, diante de tantos imprevistos no processo de encontrá-los, curiosa perguntei-lhes:

Ah, então agora vocês estão morando na roça? Juliana tinha me dito que vocês estavam aqui. Por isso fiquei procurando vocês aqui. Um bocado de vezes apareci aqui. Ela disse a vocês?

Pedro franziu a testa, balanceou a cabeça e manifestou certo desconforto diante de minha indagação, parecendo não a ter compreendido. Então voltei a perguntar de forma mais direta:

Vocês estão morando onde agora?

Ao que os dois me responderam ao mesmo tempo, sobrepondo-se as vozes:

**Neuza:** Nada! A gente mora aqui mesmo.

**Pedro:** Isso. Moramos lá na roça.

Diante de minha visível confusão com esse embaralhamento de informações que a princípio me pareceram contraditórias, Pedro então passou a me explicar sua situação de moradia:

Nós moramos aqui e lá. Eu me aposentei aí pela colônia dos pescadores. Isso tem uns anos já. Alguns anos. Aí ficamos mais lá agora que tem luz, televisão, tem liquidificador, tem tudo. Ficamos aqui também. Moramos aqui. Trazemos cacau, coco aí pra vender na Pituba. Que Juliana gosta disso de fazer os drinks dela pros turistas. Ela (aponta para a esposa) as vezes vende esse peixe seco aí também. Mas não é muito, só quando o bicho pega [quando precisa de dinheiro], quando quer comprar alguma coisa. Camarão que às vezes tem também. Tem mandioca também, abacate... mas não é muito, não. Você nunca viu um homem baixinho assim vendendo aí no beco? Nunca viu, não? É meu filho. Ontem mesmo tava ali em Deco vendendo cajá cum balde. Você disse que mora ali no beco de Deco, na casa da filha de Santino? Ele que vende se a gente traz. Nós já tá velho, tá deixando disso. Na roça, no rio... tem fartura. Não tem dinheiro mas tem fartura. Aí, como aqui pobreza não tem ousadia, nós pega a fartura e faz dinheiro. (risos). As festas mesmo, aí os aniversários, nós gosta de fazer pra lá. Aí junta todo mundo. Quem não tá pra lá, vai. Pega um barco aí de algum conhecido e vai. Os vizinhos aí tá sempre indo pra lá, pra aqueles lados na pesca aí. Mata uma galinha, um guaiamum, peixe sempre tem... (Marimbondo, dezembro de 2018)

Como podemos perceber na enunciação de Pedro, a roça, além de ser referência de habitação tanto quanto a casa do bairro, é lugar de “fartura”, entendida como possibilidade contínua de se conseguir algum dinheiro com a venda dos produtos cultivados ou coletados no rio e na mata, seja para turistas, seja para os próprios vizinhos. Os produtos que a roça e o Rio disponibilizam em “abundância” lhes possibilita “viver bem”, mesmo sem dinheiro. Mais ainda, a fartura das colheitas e coletas permite fazer dinheiro quando necessário, seja por meio da comercialização desses produtos a vizinhos e parentes ou, se buscam ganhos maiores, fazendo vendas para restaurantes, peixarias e turistas. Essas transações comerciais são desejadas e mobilizam grandes esforços de meus interlocutores, sobretudo diante do imperativo de dar conta de outras necessidades, como por exemplo o acesso a bens de consumo que circulam cada vez em maior quantidade na cidade, ou então para propiciar a participação em festejos e serviços dos equipamentos turísticos que são sempre monetarizados.

Assim, sua filha que em 2018 tinha um emprego permanente em uma lanchonete da Rua Pituba, quando estava desempregada se dedicava a vender drinks de coco e cacau, produtos obtidos na roça. Atividade que ela ainda realiza quando precisa ou deseja dinheiro extra. Durante algum tempo, quando estava conseguindo somente emprego temporário aos fins de semana, Juliana ocupou-se também de pescas artesanais noturnas junto ao seu marido, negociando depois os peixes capturados com as peixarias da Orla.

Outro dos filhos do casal, todas as vezes que leva ou busca os pais na roça pelo trajeto do rio, aproveita para “esticar a rede e jogar a siripoia”. Depois vende o que capturou nas peixarias ou restaurantes da cidade, ou os entrega a alguma marisqueira conhecida para que ela faça o “catado” que será comercializado aos próprios vizinhos nas ruas do bairro e o dinheiro dividido entre os dois que trabalharam no processo, ou ainda reúne amigos e parentes para refeições coletivas e comemorações familiares. Uma forma de ganhar algum dinheiro que complementa a renda conquistada com sua atividade principal, transportar turistas em passeios de barco pelo Rio de Contas nos dias em que os pais não utilizam a embarcação para deslocar-se entre suas moradias.

Outro exemplo interessante sobre a relação entre a roça e o bairro e sua incidência nas inserções dos moradores no universo econômico do turismo vem da família de Goti. Na ocasião de minha primeira inserção em campo, entre 2018 e 2019, eu soube que há muitos anos Goti havia conseguido a liberação da Marinha e da Secretaria Municipal do Meio Ambiente para gerir uma barraca de praia, junto a sua esposa e alguns filhos, na Praia do Pontal, localizada na foz do Rio de Contas. A conhecida “Barraca Descubra” era muito frequentada pelos moradores dos bairros ribeirinhos para passar os finais de semana ou realizar comemorações diversas, sobretudo festas de aniversários. Uns levavam sua cerveja no isopor para diminuir os gastos, outros consumiam do que ali era vendido. A especialidade da barraca era peixe miúdo frito, que a família de Goti pescava ali mesmo, e cervejas e caipirinhas a um preço menor do que o encontrado nas outras praias da cidade. “Aqui é a praia dos nativos”, sempre mencionavam. Aos finais de semana a música alta tocando arrocha, o intenso movimento dos barcos e pessoas cruzando da Orla e dos portos dos bairros ribeirinhos para o Pontal eram indicadores da animação da barraca de Goti.

Quando voltei para minha segunda inserção em campo em 2021, passado pouco mais de um ano, a barraca de Goti já não existia. Ao lado de seu estabelecimento, há aproximadamente uns 300 metros, um empreendimento turístico instalou um espaço concorrente chamado Iemanjá. Com as proibições de festas na cidade por causa da Pandemia Covid-19, agora é a noite de forró na Iemanjá - localizada do outro lado da Orla com acesso exclusivo de barco e, portanto, longe da fiscalização sanitária - que movimenta as embarcações carregadas de turistas.

Desde então Goti e sua família começaram a ser pressionados a retirar sua barraca. Mesmo diante da mobilização dos moradores ribeirinhos que fizeram campanhas “O Pontal é nosso”, abaixo-assinados e reuniões de lideranças locais com a prefeitura, a

Barraca Descubra não resistiu à pressão e, mediante uma pequena indenização, retirou-se do Pontal. Diante do fim da fonte de renda, a família de Goti foi residir na roça, no Quilombo João Rodrigues, em um pedaço de terra cedido pelo pai de sua esposa.

Conforme podemos perceber a partir desses dois casos tão diferentes entre si, descritos aqui como representativos, a roça e o bairro são produzidos, em grande medida, a partir das circulações de pessoas e produtos, especialmente alimentos, através do Rio de Contas. O Rio – importante e farta fonte de recursos - é o elemento articulador entre esses dois espaços e, assim como a noção de casa, os torna intimamente imbricados. Não se trata aqui de afirmar simplesmente que os moradores possuem uma casa no bairro e outra na roça, ou que moram simultaneamente nas duas casas, como se cada uma delas constituísse uma unidade doméstica em si mesma que vez ou outra é ocupada pelos seus moradores. A casa, tal como a compreendo aqui, é um modo de habitar que implica, simultaneamente, o bairro e a roça. Ambos, bairro e roça, assim como os constantes movimentos de pessoas e produtos que circulam entre eles através do Rio de Contas, é o que constitui a casa enquanto moradia.

Essas experiências de moradia e constantes movimentos de seus ocupantes entre o bairro e a roça constituem o eixo operador das relações entre as casas aparentadas. Ainda que uma casa seja ponto de referência de uma unidade doméstica definida e conhecida, os habitantes continuamente circulam por entre moradias, tanto entre o bairro e a roça, quanto entre casas de parentes e amigos que residem na cidade, produzindo continuidade de uma casa para outra. Acompanhando seus movimentos podemos inferir que as moradias só existem como “casa” enquanto articuladas às redes de pessoas a partir das quais são produzidas.

Os produtos que circulam entre esses lugares, em trocas monetárias ou não, também articulam bairro e roça. Esses produtos, porém, também acessam e criam outros circuitos de circulação para além das configurações de casas específicas, tanto quando são destinados a estabelecimentos comerciais da cidade como as peixarias, os restaurantes e as pousadas, quanto quando transformados em pratos típicos e bebidas para os turistas.

### **Considerações finais**

A partir dos dados descritos acima, é importante considerar que, diferente do que afirmam as pesquisas sociológicas sobre a cidade, a intensa circulação de alimentos e de pessoas entre bairro e roça mobiliza uma economia local de fartura, festa e abundância

nos bairros ribeirinhos, ainda quando o acesso aos recursos financeiros decorrentes da atividade turística na cidade seja escasso.

Ainda, nas circunstâncias em que essa circulação de bens extrapola o universo das relações entre parentes, como nos casos de comercialização dos produtos da roça aos turistas nas barracas das praias, pode haver certa concorrência entre os próprios nativos. Nesses casos, no entanto, são comuns alguns cuidados para que uma iniciativa de transação comercial com os visitantes não se sobreponha à outra, seja referente ao tipo de produto oferecido, seja na localização dos pontos de comercialização.

No entanto, como o caso da Barraca de Goti no Pontal explicita de forma exemplar, essas relações econômicas cada vez mais também extrapolam as relações dos nativos entre si. E quando se trata de uma relação de mercado entre “desiguais” a competição capitalista é disruptiva e, por vezes, arrasadora. Diante da competição com outro empreendimento semelhante de um não-nativo na praia do Pontal o destino de Goti, mesmo contrariando seus parentes e amigos, foi a impossibilidade de continuar com seu negócio e o conseqüente retorno para a roça.

Assim, por um lado a ampliação da oferta de postos de trabalho e das possibilidades de comercialização dos produtos e maior circulação de dinheiro resultante da consolidação do turismo, longe de desarticular esse modo específico de vida e habitação, acabou intensificando os movimentos e as trocas entre as casas aparentadas. Por outro lado, porém, a indústria turística impõe limites e conflitos aos moradores nativos, criando um contexto no qual as benesses dos novos impulsos econômicos estão longe de alcançar a todos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONFIM, Natanael & TUPINAMBÁ, Khalla. 2011. Itacaré, o “Paraíso Perdido”: representação, impactos e planejamento sustentável. Em: **Cultur. Revista de Cultura e Turismo**. Ano 5, nº 01/Especial. P. 44-57. Disponível em: [www.uesc.br/revistas/culturaeturismo](http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo)

CHIAPETTI, Jorge. 2009. **O USO CORPORATIVO DO TERRITÓRIO BRASILEIRO E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE UM ESPAÇO DERIVADO: Transformações e Permanências na Região Cacaueira da Bah**. Tese de doutorado. UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP. Instituto de Geociências e Ciências Exatas – IGCE. Rio Claro – SP. 205 p.

FERREIRA, Paula F. M. 2011. **Diagnóstico dos impactos socioambientais urbanos em Itacaré, BA**. Dissertação de mestrado. Universidade de Campinas – UNICAMP.

MARCELIN, Louis HERNES, 1996. **A Invenção da Família Afro-Americana: Família, Parentesco e Domesticidade entre os Negros do Recôncavo da Bahia, Brasil.** Rio de Janeiro, tese, UFRJ.

MARCELIN, Louis HERNES. 1999. "A linguagem da casa entre os negros no Recôncavo Baiano". **Mana**, vol. 5, n.2: pp. 31-60.

MELIANI, Paulo F. 2006. De Porto Cacaueiro a Destino Turístico: transição funcional e permanência do espaço derivado de Itacaré, município da Região Cacaueira da Bahia. Em: **Geografia. Rio Claro**, v. 31, n° 03. P. 555-569.

MELIANI, Paulo F. 2011 a. **Crítica à estética da mercadoria no turismo** : dilemas da precarização do trabalho na produção do espaço de Itacaré, litoral sul da Bahia. Tese de Doutorado em Geografia. Universidade Federal de Pernambuco.

MELIANI, Paulo Fernando. 2011 b. **TURISMO, URBANIZAÇÃO E PRODUÇÃO DE ESPAÇOS DE EXCLUSÃO EM ITACARÉ, BAHIA.** In: **CULTUR**, ano 05, n° 02. P. 125-142. Disponível em: [www.uesc.br/revistas/culturaeturismo](http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo)

PINA-CABRAL, João & SILVA Vanda Aparecida da. 2013. **Gente Livre: Consideração e Pessoa no Baixo Sul da Bahia.** São Paulo, Terceiro Nome.

PINA-CABRAL, João e GODOI, Emilia Pietrafesa. 2014. Apresentação vicinalidades e casas partíveis. Em: **Revista de Antropologia**. São Paulo: USP. v. 57 n° 2. P. 11-21

PINA-CABRAL, João. 2014. Agnatas, vizinhos e amigos: variantes da vicinalidade em África, Europa e América. Em: **Revista de Antropologia**. São Paulo: USP. v. 57 n° 2. P. 23-46